

Resenha:

DONALD WOODS: homem de convicções e coragem!

Wilson Gomes de Almeida¹

É verdade que enquanto instituição formal, o regime do *apartheid* da África do Sul desintegrou-se, a partir das eleições multipartidárias que conduziram Nelson Mandela, histórico líder do Congresso Nacional Africano (ANC), à presidência do país, embora do ponto de vista da práxis essa não é sabidamente uma questão resolvida. Muito pelo contrário, a realidade pós-*apartheid* é bem diversa, e ao mesmo tempo muito dolorosa para as maiorias desprovidas dos meios de produção. Prevalece, portanto, a certeza de que é da responsabilidade exclusiva dos cidadãos da África do Sul a hercúlea tarefa de construir em novas bases a sociedade matizada do rancor que se revela através das profundas cicatrizes e das muitas chagas abertas com os traumas e ressentimentos que periclitam entre a latência e a conflagração, herdada dos sombrios anos do domínio branco.

As razões profundas para esses traumas e ressentimentos que nem o tempo pode apagar, vamos encontrar nas crônicas diárias de um dos homens mais odiados pelos verdugos do regime racista sul-africano. Chama-se Donald Woods, nome inscrito no imaginário coletivo dos habitantes de paralelos e meridianos, através do filme *Um Grito de Liberdade*, baseado no livro de sua autoria *Biko* – que conta e denuncia a verdade sobre a morte do líder estudantil negro Steve Biko.

De verdade, pela sua coragem, responsabilidade sócio-político-profissional e humanismo, seu nome extrapolou todas as fronteiras do seu país, deixando para trás as muralhas e cercas de arame farpado do *apartheid* para se espalhar na consciência universal.

Donald Woods era jornalista de profissão e por anos seguidos foi editor do *Daily Dispatch*, jornal da pequena East London, cidade da África do Sul, onde assinava regularmente uma coluna bastante concorrida e que era pelo interesse que despertava replicada em outros jornais de seu país. E, foi assim que se notabilizou internacionalmente como crítico acérrimo e inimigo confesso e irreconciliável da segregação racial.

Sua mordacidade era simplesmente demolidora. Os efeitos da sua contundente e perseverante crítica eram devastadores e incomodavam, deveras o regime. E, como

¹ Wilson Gomes de Almeida é graduado engenheiro agrônomo, mestre em Economia Agrícola e doutor em História Econômica. Pertenceu aos quadros da direção da economia na República de Moçambique durante mais de dez anos. Professor universitário e jornalista em diversos países é conhecido por seu amplo conhecimento de assuntos e temas africanos.

incomodavam! Por isso mesmo não havia como os donos do poder racista fazerem ouvidos moucos ao seu verbo!

Dono também de uma ironia fina, mas ao mesmo tempo corrosiva e deletéria, tirava-lhes o sono, mantendo-os em estado permanente de histeria. Talvez por isso mesmo, diante de cada nova crônica publicada sentiam que precisavam ripostar, agir para pelo menos minimizar o seu elevado poder desmascarador do *apartheid*.

Não tardou muito que o esperado aconteceu. Foi submetido à prisão domiciliar, proibido de escrever, viajar, falar em público ou ser citado pela imprensa. Restava-lhe a alternativa da fuga que o levou a Londres onde residiu pelo resto de sua vida.

Por dentro do Apartheid: o cotidiano da resistência na África do Sul é uma compilação de uma seleta de crônicas publicadas por Donald Woods entre 1975 e 1977 no *Daily Dispatch*. Publicado no Brasil pela Editora Best Seller (São Paulo, 1988), numa tradução de Édi G. de Oliveira, contém 57 artigos, cuja leitura inquestionavelmente ajuda o leitor a penetrar nas entranhas do segregacionismo sul-africano que infelicitou a população negra e perturbou a consciência branca esclarecida por mais de meio século.

Despretensioso na sua apresentação, até por não se tratar de um volume alentado semelhante às consagradas obras do gênero, o livro de Donald Wood carrega uma trajetória densa e profícua. Nesse sentido é praticamente impensável alguém do lado de cá do Atlântico (isso também serve para alguém do outro lado do Pacífico), que se predisponha a dissecar a essência do *apartheid* sem levar na devida conta o proselitismo quase doutrinário por ele realizado na incessante busca da conquista de mentes e corações na luta contra a anomia branca.

Lendo-o percebe-se o quão Donald Woods era corajoso e destemido. Não satisfeito em denunciar e desmascarar o *apartheid*, se sentia impelido a desafiá-lo, confrontando-o cotidianamente. Basta que se lhe lêem alguns dos títulos de suas crônicas, para que não restem dúvidas de que afrontar o regime permanentemente era parte essencial da sua conduta profissional enquanto jornalista comprometido com a verdade. Citemos alguns daqueles que mais enfureceram e tiraram do sério os patronos do *apartheid*: *Por trás da Máscara de Vorster*; *Dois Homens em um Banheiro*; *Marcianos em Langkloof?*; *O Afrikâner Começou na Índia*; *Mandela Deve Ser Libertado*; *O Dia em que Jogaram Fertilizante no Ventilador*; *Onde o Tempo Parou*; *Tarde Demais para Perguntar*; *Melhor Bustos do que Bobagens*; *Dachau para Crianças*; *Um Caso para Sherlock*; *Sinais de Soweto*; *Indecisão no Púlpito*; *A Morte de Um Delírio*; *Gravem Bem Este Nome*; *Diga-lhes para Parar*; *Não Temos Tempo para Tréguas*; *Como Fazer Biltong*; *Carta Aberta a Vorster*; *J'accuse!*; *O Ministro Kruger Deve se Demitir*. As parangonas falam por si

só! Em todos eles perpassam manifestações explícitas da veia irônica, da troça penetrante e do espírito arguto do autor, mas também o clima de tensão e medo que emoldurava a ambiência onde elas foram escritas.

Como escreve Alon Paton, responsável pela seleta em apreço, *J'acusse*, escrita por ocasião do assassinato de Steve Biko na prisão, marcou um ponto de inflexão nas crônicas de Donald Woods, a partir da qual definitivamente “a coluna mudou de tom e já não havia mais brincadeira”. Mas foi também a partir desse momento que a intolerância do poder com o jornalista atingiu níveis insuportáveis.

Fica muito evidente que *Como Fazer Biltong* altura em que o autor pôs-se a escrever sobre a culinária sul-africana para dar por assim dizer, um “refresco” às autoridades racistas já completamente celeradas com os seus artigos, pode ter sido um momento sintomático do que estava por vir. Para quem não conhece, o *biltong*, amplamente consumido na África do Sul, é uma carne crua seca, de cabra, bovino ou caça, de textura consistente, salgada, apimentada e regada de um mix de temperos bem marcantes, como regra preparada artesanalmente. Mas foi com a crônica *O Ministro Kruger Deve se Demitir*, que a permanência de Donald Woods na África do Sul deixou de ser temerária e simplesmente arriscada e se tornou impraticável.

Nas crônicas que se sucederam à morte de Biko, Donald Woods despiu-se das quase nenhuma veleidades e pruridos que a duras penas vinha dissimulando por razões de ofício para reclamar pública e abertamente responsabilidade das autoridades, na pessoa do Ministro da Polícia, J. T. Kruger, exigindo a sua demissão sumária e uma investigação isenta sobre o acontecido.

E, é tão verdadeiro o fato de que a morte de Biko o marcou profunda e indelevelmente, que não seria justo negar ao leitor essas palavras de Donald Woods ao descrever sua participação no funeral do líder estudantil covardemente assassinado (na versão oficial Biko, um obstinado pela vida, “se suicidou”), na crônica que leva por título: *Uma Espécie de Milagre*.

Pegue uma multidão de vinte mil negros no funeral de um líder querido que morreu sob custódia da Polícia de Segurança branca; acrescente à sua raiva mais raiva pela insensibilidade do ministro da Polícia Kruger, ao dizer que essa morte o deixava frio; acrescente mais raiva pelo fato de a polícia impedir que outras dezenas de milhares de pessoas partissem do funeral, e acrescente a raiva adicional provocada por discursos emocionais contra a opressão branca.

Acrescente a essa aglomeração de negros raivosos, aflitos, um pequeno grupo de brancos misturados a essa enorme e volátil multidão. Nesta terra de tensão racial, seria suficiente apenas um

empurrão, um tropeção, uma observação indelicada para provocar uma trágica explosão de retaliações.

Entretanto, nenhum acidente desse tipo ocorreu no funeral de Steve Biko esta semana. Durante cinco horas de discursos por representantes de todas essas organizações, supostamente antibranças, nenhum branco presente sentiu que não era bem-vindo ou que estivesse sob ameaça direta daquela multidão emocionada. Não que nós, os poucos brancos presentes, não sentíssemos medo. Longe disso. Foram as cinco horas mais assustadoras de minha vida. Minha esposa e eu estávamos no meio da multidão parada e sentimos muitos momentos de apreensão, pois a retórica visava a violência dos brancos, a crueldade dos brancos, a exploração pelos brancos, os privilégios dos brancos e a morte dos mártires negros pelos brancos. A gente tem muita consciência de nossa brancura nessas ocasiões...

Eram esses o tonus, a carga emocional e o realismo que emergiam sistematicamente da coluna e através da qual transbordava da redação do *Daily Despatch* para a África do Sul e para o Mundo as realidades da necessidade racista.

Donald Woods morreu de câncer aos 67 anos de idade, em 1981, portanto, quase três décadas depois de ter escapado ileso de uma tentativa de assassinato pela polícia sul-africana – mesma ocasião em que uma camiseta envenenada foi depositada em sua casa para uso pela sua filha de 2 anos de idade.

Sobretudo para as pessoas céticas quanto à real e efetiva capacidade do indivíduo poder influenciar os destinos da história da humanidade com o seu exemplo militante, sua convicção inabalável, a determinação de predispor as demais gentes a se colocarem a mexer para mudar o *status quo*, não importa a partir de que posição geográfica sua luta é travada (recordar que East London, de onde eram lançados os torpedos woodsianos contra Johannesburgo, Pretória, Cape Town, Durban e Port Elizabeth com estilhaços que se espalhavam pelo resto do Planeta, não passava de uma pequena cidade de menos de 200 mil habitantes), a conduta pública de Donald Woods deixa muito mais do que o exemplo de inteligência, otimismo e bravura, lega para toda a humanidade, verdadeira e inesgotável fonte de lição de vida